

# A PENHA

SEMÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, ANTÓNIO-LINO

Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84  
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão  
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesa

## A P E N H A

### EXAME DE CONSCIENCIA

Analizados já, em artigo anterior, os acessos para a Penha e considerada a estância em si mesma, vejamos o último problema a encarar.

*Encaremos finalmente a Penha como centro de fé:*

O largo que se estende em frente das ruínas (?) do Templo Eucarístico deve ser o grande centro religioso da Penha.

Em vez desta igreja, feita segundo um projecto que não tem hoje razão de ser, pois foi elaborado com a ideia de que havia de guardar as talhas de Santa Clara, desgraçadamente destruídas; em vez desta igreja, construir-se-ia um pequeno templo central e, distribuídos sobre meio arco de círculo, mais quatro pequenas capelas, cinco ao todo, a representar os cinco mistérios do Terço.

A capela central seria o templo sempre aberto ao culto, mas, nas peregrinações, realizar-se-iam em tôdas e simultaneamente, as cerimónias litúrgicas adequadas.

O efeito seria surpreendente, e a Penha lucraria muito pelo conjunto architectónico com que o local seria valorizado.

Por outro lado, a estátua do grande Pio IX não tem proporções que lhe permitam estar onde se encontra.

Dotada com outro pedestal tem, na praça citada, o seu verdadeiro lugar.

Perguntar-me-ão: e no «Pio IX»?

Se tivermos coragem e dinheiro (a primeira é mais precisa do que o segundo) levantaremos lá no alto a imagem de Santa Maria!

Pede-o a nossa consciência de católicos como necessidade de homenagem à nossa Padroeira e pede-o também a grandiosidade do lugar.

A servir-lhe de pedestal um observatório, dotado com os aparelhos que a moderna ciência óptica inventou, para se poder gozar totalmente o sempre novo panorama.

A gruta de N. S. de Lourdes, não se justificava já, mas a bellissima capela sob as rocha deve ser aproveitada.

Mas nada mais!

Por tôdas as razões e sobretudo por uma questão de dignidade religiosa, nada mais do que existe nesta matéria deve subsistir.

Não é de aconselhar a dispersão de elementos, sem grandeza, sem qualquer interesse artístico, alguns mal cuidados e outros até desaproveitados.

A' frente de todos a torre sineira, esquelética, feia, é uma ofensa à montanha de maravilha.

\*

\* \*

Eis aqui, a traços largos, como quem começa um quadro, as necessidades imperiosas da Penha.

Primeiro, antes de mais nada, árvores, muitas árvores — milhares de árvores!

E, logo a seguir, um plano de conjunto, traçado por um paisagista de categoria e «actual», mais ou menos sobre o programa acima exposto.

Depois, é só mantermo-nos dentro dele, sem perturbações individualistas, muito bem intencionados, mas sempre estéreis e prejudiciais.

E dinheiro para tudo isto?

Hão-de certamente julgar que eu, tal como o poeta, tenho por timbre do meu escudo a megalomania...

Nada disso, porém.

Caro, infinitamente caro, fica não seguir em linha recta, não seriar os problemas convenientemente e não entregar o seu estudo aos competentes.

Em vinte anos, ainda na nossa vida, se tomarmos pela estrada direita em vez de hesitarmos nos atalhos, tudo ficará realizado.

Se continuarmos, porém, a fazer obras sem direcção assente, se consentirmos que tôdas as boas vontades incultas coloquem na Penha tudo o que fôr do seu romântico agrado, então não cumpriremos as nossas obrigações de homens de hoje e, pior ainda!, havemos de estragar esta grande maravilha que Deus nos deu.

MARTIM VICENTE.

## A' MARGEM

PORQUE UM LAMENTÁVEL salto de composição cortou o sentido do nosso último à margem, de novo o arquivamos compondo-o pela sua ordem e com períodos que lhe faltavam.

⊖

SÓ OS ESPÍRITOS PESSIMISTAS são capazes, sempre Velhos-do-Restêlo, de negar as nossas capacidades de trabalho, o nosso querer forte em realizar. E assim só aquilo que é fácil, que é útil imediatamente ou para cuja elaboração não seja precisa grande ginástica de pensamento — é praticamente realizável.

Tudo o mais, que necessite esforço, sacrifício, trabalho incansável e energia esgotante — é uma utopia pensar sequer em realizá-lo.

⊖

AS GRANDES OBRAS por este critério são fantasias do espírito que nunca terão uma realidade.

Outros problemas se lhe sobrepõem então, que embora de grande utilidade material, nada são, na sua mesquinhez, perante as realizações que vêm enriquecer o património espiritual dos povos.

Batalha, Jerónimos, Alcobaça, as grandes catedrais do Império não se fizeram sem grandes sacrifícios, canseiras e rios de ouro, ouro que bem era preciso e útil à Nação em armas para assegurar a sua Independência, manter seu Império ou continuar suas conquistas; mas acima das armas da Nação estava o espírito, a alma, da mesma Nação. Assim o compreenderam nossos avós.

⊖

COM VONTADE, QUERER OPTIMISMO e alegria se arrostando tôdas as canseiras, todos os sacrifícios, todos os impossíveis, quando há um Ideal alto, uma realização grandiosa a fazer-se. Realizar coisas que nada custam a fazer ou que quem quer fazia, pouco valor tem.

Nas dificuldades a vencer se encontra todo o valor duma obra. Nelas se afirmam os homens, os realizadores de impossíveis.

Na sua carta a Joaquim Manso, no *Diário de Lisboa*, escrevia Tomaz Ribeiro Colaço: — «Quando a Sociedade das Nações pôs condições vexatórias a um auxílio financeiro, tivemos um Ministro das Finanças que deu com as portas na cara daquela gente, e disse à nação esta barbaridade: «Se quiseres moer-te com sacrifícios, podes curar-te sozinha».

# D A C I D A D E

## VIDA CATÓLICA

### 4.º Domingo depois do Pentecostes

**Evangelho** (Luc., V, 11). — Sucedeu que, estando Jesus à borda do lago de Genesareth, as multidões o atropelavam, acudindo a êle para ouvir a palavra de Deus. Viu êle duas barcas, que estavam à borda do lago: os pescadores haviam saltado em terra, e estavam lavando as suas rêdes. E, entrando numa destas barcas, que era de Simão, lhe rogou que a afastasse um pouco da terra. E, estando assentado, da barca ensinava o povo. Como acabou de falar, disse a Simão: «Faze-te mais ao largo, e soltai as vossas rêdes para pescar.» E Simão respondeu: «Mestre, trabalhando tôda a noite, não apanhamos coisa alguma: já que porém assim o ordenas, soltarei a rêde.» E depois que assim o fizeram, apanharam peixe em tamanha abundância, que a rêde se lhes rompia: o que as obrigou a dar sinal aos companheiros, que estavam noutra barca, para que os viessem ajudar. Êle vieram; e encheram tanto ambas as barcas, que pouco faltava para que elas fôsem ao fundo. O que vendo Simão Pedro, lançou-se aos pés de Jesus, dizendo: «Retira-te de mim, Senhor, que sou um homem pecador». Porque o espanto o tinha assombrado a êle e a todos os que de achavam com êle, de ver a pesca de peixes que tinham feito; e da mesma sorte havia deixado atônitos a lago e a João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão: «Não tenhas medo: desta hora em diante serás pescador de homens». E, chegadas as barcas da terra, deixaram tudo e seguiram-no.

**Homilia.** — Que admirável espectáculo!... Que bela lição para os fieis e para os pastores!... — Para os fieis, ânsia de ouvir a palavra de Deus; — para os pastores, zelo em anunciá-la.

*Ansia do povo por ouvir a palavra de Deus.*

Abandonam tudo, a casa, os trabalhos, os negócios, para seguir a Jesus e ouvi-lo... — Muitos cristãos hoje em dia inventam mil pretextos, mais ou

menos fúteis, para se dispensarem de vir à Igreja e de assistir à instrução religiosa.

A multidão comprime-se em volta de Jesus, com amor e entusiasmo... — Onde está, cristãos, o vosso zelo, o vosso ardor em ouvir a voz do vosso pastor, a palavra de Deus?... Não se cansa de o escutar atentamente, e espera que Jesus se cale, para ir-se embora... — Hoje, muitos, tem horror à prègação, nunca chegam a tempo assistem bocejando ou dormitando, ou tiram-se antes do fim... E, no entanto, segundo o pensamento de S. Crisóstomo, os ouvintes fazem (em certo sentido) os prègadores...

Aquele bom povo consolava Jesus, porque tinha fome das palavras de vida e de salvação que saíam de sua bôca divina... Vós, ai! vós não tendes solicitude nenhuma por essas palavras de vida eterna; só vos preocupam as coisas inuteis, frívolas e perigosas;... que dôr causais com isso a Jesus!...

*Bondade de Jesus, seu zelo em prègar e instruir.*

Em vez de repelir a multidão, e de se queixar do seu ardor importuno e fatigante, Jesus suporta-a misericordiosamente e procura satisfazer-lhe os desejos. Apraveita tôdas as ocasiões, de instruir; tôdos os lugares são bons, e em tôda a parte anuncia o reino de Deus;... a barca de Pêdro é o seu púlpito...

Bela e comovedora lição para tôdos os obreiros apostólicos, que, a exemplo do Divino Mestre, devem fazer-se tudo para tôdos,... ser zelosos em anunciar a palavra de Deus;... prestar-se com bondade aos desejos legítimos de suas ovelhas, e não perder ocasião nenhuma de falar de Deus e da virtude, a tôdos e em tôda a parte.

Fazemos assim... Nada temos a censurar no nosso procedimento a êste respeito?... Não forjemos vãs excusas para encobrir ou desculpar a nossa preguiça ou a nossa negligência... Se os fieis têm pouca fome da palavra de Deus, a culpa não será nossa? Amen.

(THIRIET).

## CASA DOS POBRES

Movimento durante o mês de Maio de 1939

Subsídios em dinheiro a 198 pobres, 4.570\$00; idem, para renda de casa a 157 pobres, 2.548\$50; idem, para transporte aos invalidos, 20\$00. No albergue pernoitaram, 336 pobres.

Refeições fornecidas — Sôpas, 11.780; pães, 11.780; pratos, 341; vinhos, 352.

Barbearia — Barbas, 391; corte de cabelos, 115. Balneário — Banhos, 505; com despiolhamento, 4. Vestuário fornecido — Casacos, 3; calças, 3; camisas, 2; saias, 4; bluzas, 2; aventais 2.

Cozinha económica — Refeições fornecidas aos operários — Sôpas, 1.098; pães, 2.239; pratos, 3.689; vinhos, 1.383; idem, aos presos da cadeia,

completas, 829; idem, aos da Esquadra, completas, 62,5.

Lactário Municipal (anexo à Casa dos Pobres) — Crianças que transitaram de Abril, 39; admitidas, 5; faleceram, 1; desistiram, 2; pesagens às mesmas, 115; consultas, 17; Leite consumido, 666 litros; farinha consumida, 9,500 kgs..

Donativos recebidos — José Garcia, 2 cestos de cebolo; Dr. José da Conceição Gonçalves, 1 vitela; Luiz Cardoso M. M. de Menezes, 1 raza de feijão; Dr. Artur Rodolfo de Abreu, 3 galinhas; Sociedade Protectora dos Animais, 20\$00; Manuel da Cunha Machado, Foz, 200\$00; Anónimo 585\$00.

Lede e propagai

"RESSURGIMENTO"

### Aniversários

Junho, 18 — João Felgueiras C. de Menezes (Margaride).

Junho, 19 — António Alberto C. de Menezes.

Junho, 20 — D. Maria Luiza C. de M. de Moraes e António Guilherme Saavedra.

Junho, 22 — Francisco Martins Ramos.

Junho, 24 — D. Maria da Assunção Vilar e D. Maria da Madre de Deus Pereira Fernandes.

Junho 30 — D. Clotilde Helena Felgueiras e Sousa, Arnaldo Felgueiras e Sousa e Francisco Carvalho de Melo.

### Romaria de S. Torcato

No dia 1 de Julho, concluindo a novena que começara a 24 de Junho, haverá vésperas solenes, com exposição do SS. e sermão.

Dia 2, às 5 horas, missa rezada no Santuário; às 7, missa rezada na igreja paroquial; às 9, missa campal; às 11, missa cantada, exposição do SS., sermão e benção; às 17, majestosa procissão e cortejo alegórico da vida do Santo.

A' noite, grande festival, o maior arraial do norte, com iluminações gerais, músicas e sessões de fogo de artifício, dos nossos melhores fogueteiros.

### Pedido de casamento

Pelo sr. Sebastião Teixeira de Aguiar foi pedida, há dias, em casamento para o sr. Sebastião Teixeira de Carvalho, filho do sr. Elísio Teixeira de Carvalho, já falecido, e da sr.ª D. Júlia Mendes Ferreira Teixeira, a sr.ª D. Camilla Augusta da Silva Teixeira, filha do sr. José Teixeira e da sr.ª D. Margarida Augusta da Silva Teixeira.

### Santuário Eucarístico da Penha

Recebido dos srs.: Albano de Sousa Guise, Rio de Janeiro, 1.000\$00. Idem de Alvaro Ribeiro de Faria, 50\$00. De Manuel de Sousa Guise, 100\$00. Uma anónima, da Póvoa de Varzim, ofereceu um terno em seda branca e galão de ouro para missa cantada. A sr.ª D. Custódia da Silva Branco ofereceu também uma alva ricamente bordada.

Estes objectos serão expostos na Casa das Gravatas.

### Armando Leça

Encontra-se nesta cidade, recolhendo números do nosso folclore regional, o ilustre professor do Liceu Rodrigues de Freitas, sr. Armando Leça.

## Câmara Municipal de Guimarães

### Resumo de expediente da sessão ordinária de 9 de Junho de 1939

Saldo em caixa: 224.966\$24.

**Ofícios.** — O chefe da Repartição de Operações Financeiras e Bancárias, pede que se informe aquela Repartição se deve ou não enviar as guias respectivas à sua Agência, nesta cidade, para a Câmara efectuar o pagamento da 2.ª prestação, capital e juros, do empréstimo de 500 contos concedido por escritura de 8-1-39 na importância de 19.981\$10. Inteirada, resolveu pedir para pagar apenas os juros.

— O delegado do Governo, neste concelho, sr. José de Oliveira Pinto, oferece a sua cooperação em tudo o que interessa ao concelho e ao engrandecimento do Estado Novo. Inteirada, resolve agradecer e apresentar-lhe cumprimentos pela sua posse.

— O presidente da Junta da Provincia do Minho, agradece a cooperação oferecida pelo sr. presidente, quando da sua posse, e manifesta a lealdade por parte da Junta.

— O engenheiro-chefe da zona n.º 1 da Junta A. das Estradas informa — que a construção da estrada M. do Alto de S. Simão a Vizela, apenas poderá ser participada se fôr apresentada como caminho vicinal, a não ser que, por determinadas circunstâncias, seja aberta uma excepção. A Câmara mandará comunicar à Comissão de turismo de Vizela.

— O director do Museu de Alberto Sampaio, pede o pagamento de

3.100\$00 por conta da verba inscrita no orçamento, a fim de satisfazer vários compromissos e encargos. Foi autorizado o pagamento.

— O provedor da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, diz que determinada doente ficou internada no hospital da Santa Casa, pagando a diária de 6\$50. Inteirada.

— A direcção das Finanças, dêste distrito, diz que foi concedida a isenção do pagamento de sisa para a aquisição de três moradas de casas situadas no Largo dos Paços dos Duques de Bragança, sendo o sr. Presidente autorizado a fazer o pagamento dos referidos prédios.

— O presidente da Junta de S. Romão de Rendufe, pede o pagamento da importância de 130\$00, do imposto de trabalho cobrado naquela freguesia no ano de 1936. Foi autorizado o pagamento.

— O Governo Civil de Braga, transcreve uma circular que impõe a obrigatoriedade do registo, nas secretarias das Câmaras, de todos os veículos não automóveis, existentes nos respectivos concelhos, e informa que o registo e o fornecimento da chapa nada têm que ver com as atribuições fiscais das Câmaras, podendo porém cobrar-se o imposto de trânsito e ainda, que a Câmara poderá cobrar o preço da chapa do registo. A Câmara resolve publicar editais chamando a atenção dos interessados para o cumprimento das disposições acima.

— O delegado do I. N. do T., em Braga, diz que se deve procurar criar

(Continua na 6.ª página)

# CORPORATIVISMO A' margem

## A organização profissional e as formas de governo

por Miguel Cantilo

Na encíclica *Divini Redemptoris*, o Pontífice Pio XI insistiu, por vezes, na organização profissional ou corporativismo. As suas palavras são tão claras e terminantes que não posso deixar de as transcrever. Diz no n.º 32:

«Nessa mesma encíclica (*Quadragesimo*)<sup>(1)</sup>, mostramos também que a sociedade humana só então poderá ser salva da funestíssima ruína, a que é arrastada pelos princípios do liberalismo, alheios a toda a moralidade, quando os preceitos da justiça social e da caridade cristã impregnarem e penetrarem a ordem económica e a organização civil; o que indubitavelmente não podem conseguir nem a luta de classes, nem os atentados do terror, nem o abuso ilimitado e tirânico do poder do Estado. Advertimos, outro-sim, que a verdadeira prosperidade do povo se deve procurar segundo os princípios dum são corporativismo, que reconheça e respeite os vários graus da hierarquia social; que é igualmente, necessário que todas as corporações operárias se organizem em harmónica unidade, para poderem tender ao bem comum da sociedade; e que, por conseguinte, a função genuína e peculiar do poder público consiste em promover, quanto lhe seja possível, esta harmonia e coordenação de todas as forças sociais»<sup>(2)</sup>.

E no n.º 54, para não dar lugar a dúvidas, acrescentava:

«Assim, pois, se se considera o conjunto da vida económica, — como já notamos em a nossa encíclica *Quadragesimo Anno* — não se conseguirá que nas relações económico-sociais reine a mútua colaboração da justiça e da caridade, senão por meio dum corpo de instituições profissionais e interprofissionais sobre bases sólidamente cristãs, coligadas entre si e que constituam, sob formas diversas e adaptadas aos lugares e circunstâncias, o que se chamava a corporação»<sup>(3)</sup>.

A organização profissional ou corporativismo tem a recomendá-la não só as insinuações, mas até o interesse dedicado daquele Sumo Pontífice. Contudo, o Santo Padre não pretendia apresentar uma novidade. Um conhecimento mediano da história social católica leva-nos à convicção de que a organização profissional é consequência lógica da doutrina social da Igreja.

As circunstâncias actuais da vida tornaram a questão corporativa oportunitíssima. Movimentos corporativos de diversas nações obscureceram numerosas inteligências e ideas. A propaganda exagerada de certos partidos ideológicos e de algumas nações em-

baçaram, por assim dizer, a lente cristã da concepção corporativa. Como a influência das ideas sobre as acções «é grande e certa, ainda que invisível e difícil de medir»,<sup>(4)</sup> parece-me dever expôr com simplicidade e modéstia o resultado das minhas observações, neste delicado assunto. Quero ser claro e preciso, objectivo e sincero. Mas, desde já, declaro que a vastidão do tema não me permitirá explicar todos os pontos com a amplitude desejada.

Quando se fala de organização profissional ou corporativismo, surgem, em muitos, dificuldades sem conta. Tomo as três principais, por melhor secundarem o meu intento: Qual é a verdadeira essência do corporativismo cristão? Qual o regime ou forma de governo mais eficaz para a sua vida e desenvolvimento? Haverá incompatibilidade, entre o são corporativismo e a democracia?

Eis as três partes do presente artigo.

### 1. A essência do corporativismo cristão

Procedamos gradualmente. Que é uma corporação? Quais as características do corporativismo cristão?

A) A CORPORACÃO. — Numa boa definição, teremos os elementos essenciais da corporação, que é «um organismo público e oficial, intermediário entre as empresas ou iniciativas particulares e o Estado, encarregado do bem comum, dentro de qualquer profissão».

Chamando-lhe organismo, damos-lhe estabilidade. Os qualificativos, público e oficial, significam claramente que este corpo entra no campo do direito público<sup>(5)</sup> como a municipalidade e a província.

Distingue-se desta, por considerarem os homens, não segundo o lugar que habitam, mas pela profissão que têm<sup>(6)</sup>. Este direito da corporação, que se poderia já chamar direito corporativo, não é dado pelo Estado. É um direito natural, proveniente da mesma essência da sociedade, se bem que por modo diferente do que nos autoriza a dizer que a família é de direito natural. Por isso, a enc. *Quadragesimo Anno* declara prudentemente que «se não são essenciais à sociedade, ao menos são-lhe conaturais».

A função desta sociedade pública e oficial é a de ser intermediária entre os indivíduos, ou empresas particulares, e o Estado. O termo «interme-

diário» tem uma etimologia própria e muito clara. Não diz que o elemento significado absorve os indivíduos ou as empresas particulares, mas que os une ao Estado. É, portanto, um elo da cadeia social, um vínculo de união, um degrau necessário, um andar intermediário do edificio social. Insistimos nestas comparações, sem temor de exagerar, porquanto este conceito fundamental é a *origem da ordem corporativa cristã*: não priva o Estado das prerogativas próprias, visto conservar sempre o poder exclusivo de «dirigir, vigiar, urgir, castigar, segundo o exigam os casos e as necessidades»<sup>(7)</sup>. Temos de acrescentar que é não só justo, mas até óbvio que este corpo, ou sociedade profissional, seja técnica e organizada; de contrário, seria um entrave em vez duma ajuda conatural à sociedade.

Essencial elemento de toda e qualquer sociedade é a autoridade<sup>(8)</sup>, ou seja o direito de obrigar os indivíduos ao bem social. A autoridade profissional deve ser: a) *autônoma*, não soberana (a soberania é prerogativa essencial do Estado); b) *durável* (elemento importante de unidade); c) *própria da profissão* (elemento técnico).

A corporação, assim constituída, tem o encargo de promover e defender o bem comum da profissão, que se reduz às seguintes funções, próprias da autoridade profissional: educação, mediação, jurisdição, legislação.

A função educadora provém da necessidade de se criar uma sólida e sã moralidade profissional. A este propósito, muito bem depõem as conclusões da *Semaine Sociale* de Angers (1935): «La corporation vaudra donc ce que vaudront ses chefs et ses membres».

A função medianeira provém da razão intrínseca da corporação, intermediária, por essência, entre as empresas particulares e o Estado; para mais, o bem comum profissional dirige-se directamente ao bem geral da nação e vice-versa.

A função legislativa diz respeito aos regulamentos, estatutos ou leis (enquadrados, muitas vezes, na legislação nacional), obrigatórios para todos os que participam da profissão. Finalmente, possui o contróle judicial da mesma e das empresas particulares correspondentes, em matéria de direito comum.

Objectará alguém que, duma tirania, passaremos a outra: da capitalista para a comunista, ou melhor, da capitalista para a da corporação. Não é ainda chegado o momento de desfazer este temor. Mas, para ressalva, digamos, desde já, que a autoridade profissional não pode ser ditatorial: 1.º porque o poder do Estado é-lhe superior; 2.º porque deve existir contra as resoluções corporativas a faculdade apelativa de primeira, segunda e até de terceira instância; 3.º porque deveriam existir, junto da corporação, como consequên-

(Continu na 7.ª página)

A NAÇÃO OUVIU, aceitou, e ao cabo de um ano verificava-se que o ministro tinha razão. Muitos ao ouvi-lo, lhe tinham chamado lunático. Mas aquêl *impossível* era uma realidade ao nosso alcance».



«A INDEPENDÊNCIA que Afonso Henriques firmou contra os castelhanos e mouros, era impossível. As vitórias de Nun'Alvares eram impossíveis. Descobrir e colonizar a América, a América e a Ásia, com seis pinheiros de Leiria e meia dúzia de gatos, era impossível.

Lutar com os Filipines era impossível. Reerguer sobre as ruínas do terramoto uma cidade formosa, era impossível. Obrigar Napoleão a confessar, em Santa Helena, «que em Portugal se fundiu o primeiro elo da cadeia que me prende», era impossível. Mousinho de Albuquerque, Roçadas, Couceiro, João de Almeida, Azevedo Coutinho, outros ainda, também por lá andaram em África no mesmo fadário de fazer impossíveis. O vôo de Gago Coutinho e Sacadura, cruzando o Atlântico sobre um avião de pano cru e pausinhos, era impossível. O nosso resgate financeiro era impossível. Quere dizer, quando eu quero ver ateadado um espírito novo, que leve os portugueses a fazerem vários impossíveis, tenho esta desculpa: — há 8 séculos que eles não fazem outra coisa».



IMPOSSÍVEL, diziam os pessimistas aumentando o côro dos revirralhistas, era Franco vencer a guerra de Espanha.

Por lá se bateram os valentes «virriatos», continuadores bem dignos dos nossos heróis de antanho, realizando impossíveis.

Preparou-lhes o governo do Generalíssimo uma grandiosa despedida nestes primeiros dias de Junho. Necessário se torna que Portugal lhes prepare homenagens dignas dos vivos e dos mortos, como clama o apelo do Ex.º Sr. Dr. José de Arruela, publicado no desassombrado colega lisboeta *A Voz* e que nós transcrevemos na íntegra.



POR REALIZAR impossíveis foram galardoados com a Torre-e-Espada, pelo 28 de Maio deste ano, os valentes oficiais: capitães Botelho Moniz, Mário Pessoa e David Neto e tenente Moreira Lopes.

Feito o seu elogio pelo venerando Chefe do Estado, este no final, fez saber que teria grande satisfação em os ter ao seu lado, na tribuna presidencial, no campo de Jokey Club, durante a festa da Mocidade Portuguesa.

Visado pela

Comissão de Censura

(1) Enc. *Quadragesimo Anno*, n.º 86 e ss. (ed. Spes, Paris, 1937). Cf. *A Igreja e a Questão Social*, Lisboa União Gráfica, s/d., págs. 133 e ss.

(2) Cf. *Mensagem do Coração de Jesus*, Braga, 1937, págs. 434 e ss. A tradução da encíclica começa a págs. 375. A revista *Lumen* (Lisboa, 1937) págs. 289 e ss. também publicou a tradução, mas sem numeração de parágrafos que, para mais facilidade de conferência, tomamos da tradução do *Mensagem do Coração de Jesus*.

(3) *Ibid.*, págs. 442.

(4) Enc. *Divini Redemptoris*, n.º 37. *Ibid.*, págs. 436.

(5) Precindimos aqui, se a corporação é verdadeiramente de direito público ou se não dá, antes, origem a um novo direito, intermediário entre o público e o particular. João Messner no livro *Die berufständische Ordnung* (Innsbruck, Tyrolia, 1936) trata deste assunto.

(6) Aproveitamos a ocasião para transcrever as palavras proféticas (desculpe-se-nos a expressão) de Henri Lorin em 1909. Até agora... «l'organisation politique ne tient compte que d'où sont les gens, l'organisation économique que de ce qu'ils ont; le temps doit venir où celle-ci aura pour base et celle-là pour ressat important ce qu'ils font» (*Organisation professionnelle et Code du Travail*, pág. 29). H. Lorin era, então, presidente das *Semanas Sociais Católicas da França*.

(7) *Quadragesimo Anno*, N.º 88. Cf. *A Igreja e a Questão Social*, págs. 134.

(8) Cf. Taparelli, *Saggio teoretico di diritto naturale*, vol. I, Roma, págs. 272 e seguintes.

# DA MOCIDADE

## APÊLO À GENTE MÔÇA

A ti, camarada, que formaste tua mentalidade e a temperaste já ao calor da Revolução Nacional; que ofereceste o teu entusiasmo, espontaneamente, logo desde as primeiras horas e enfileiraste nas hostes nacionalistas quando ainda o chefe de nós só exigia sacrifício, nada oferecendo em troca; a ti, que, com vontade firme e querer forte soubeste manter o teu Ideal na sua pureza primitiva — nunca o desvirtuando no seu espírito, nunca o modificando na sua lei e nunca pactuando com os seus inimigos doutro — a ti, companheiro, são dirigidas estas palavras.

Trabalha, estuda, firma-te. Trabalha. Se a vida é luta, muito terás de lutar, muitas batalhas terás a ferir, muitos sacrifícios a vencer. Mas, para isso terás de ganhar primeiro a tua maior luta: venceres-te a ti mesmo, venceres a tua Aljubrôta. Armas tens-nas tu, e das melhores.

O teu corpo forte e moço e a tua vontade, o teu querer, que são-no também teu espírito forte e moço.

*Querer, querer, e lá vamos...*

\* \* \*

Trabalha, estuda, firma-te. Estuda. Se aplicado, não te enganes ati mesmo. Só assim arranjarás uma base para a tua vida futura. Lê bons livros. Medita a História.

Mas cautela com as suas falsificações. Nelas se espalham os processos democráticos. Os seus ídolos para se imporem à adoração de seus adoladores não se elevam, como é lógico e natural, pelos seus méritos, não; elevam-se, abaixando os que lhe estão próximos. Para o fazer servem-se de tudo: desde a intriga torpe à baixa insinuação, da cobarde calúnia à infame traição! Estes os processos democráticos e liberais.

Um exemplo? — Ainda a história faciosa, feita pelos liberais, no-lo dá.

Precisamente pelo que êle tem do mais baixo e reles — anti-jesuíta — ergueram (quiseram erguer), mais alto que qualquer outra grande figura da nossa História, ao Marquês de Pombal.

Lógica e naturalmente? Não.

Abafando, deturpando, rebaixando, caluniando, as duas figuras e as duas épocas que lhe estão juntas: D. João V e sua época, que lhe antecedeu; D. Maria I e seu reinado, que lhe sucedeu.

Aquêlê apontando-lhe só as suas pseudo-virtudes; a estes sômente os seus falsos defeitos.

Mas quando a crítica serena analisou superiormente esta época muitíssimo perdeu aquêlê, muitíssimo se elevaram estes.

Um, um *monstro* que, inconscientemente, os que lhe ergueram colossal estátua, souberam bem interpretar: construindo um *monstro*.

D. João V, D. Maria I, à luz clara e serena da imparcialidade, rehabilitados e colocados nos lugares que de direito lhe pertencem.

Nota interessante, a tam apregoada reconstrução de Lisboa, já não falo das apregoadas frases que do marquês nunca foram, não passou do projecto. E' a caluniada Rainha que lhe dá realidade. Foi no reinado de D. Maria I que se reconstruiu Lisboa!

Trabalha, estuda, firma-te.

E's moço, és forte; por que não tens responsabilidades no passado, sê intransigente e desassombrado, leal e coerente.

«Porque a vitória há-de ser nossa!»

VANGUARDISTA.

## EM PLENO RESSURGIMENTO

Eis-nos em 28 de Maio de 1939.

E' um domingo cheio de sol e alegria. O vasto campo de Jockey parece pequeno e impotente, para conter a mole imensa da multidão que de encontro às vedações se comprime.

De súbito, ecoam no ar gritos vibrantes de juvenis gargantas, e o o reboar descompassado das palmas... são Suas Ex.<sup>as</sup>, os Senhores presidentes da República e do Concelho, que chegam.

No céu azul daquêlê dia maravilhoso, 3 planadores da Mocidade, evoluem garbosamente, e em continência descem em frente à tribuna.

E assim se dá início à majestosa festa daquela tarde!

Avançam os primeiros desportistas: jogos de pau e ginástica aplicada.

Rufam tambores! Clarins no ar!

E' a milícia que chega, passo cadenciado. Olhos brilhantes de entusiasmo, os meus garbosos companheiros passam, côncios de sua valia. E num conjunto impressionante executam os números.

Depois a uma ordem sêca, irrompe, pela bancada feminina, a legião de ginastas: calça branca e camisola alaranjada. São mais de 4 mil, que exe-

cutam exercícios de conjunto dum colorido e ritmo, interessantíssimos.

Por último o desfile. Milhares de rapazes de tôdas as províncias de Portugal continental e insular, com suas bandeiras e guiões tremulando ao vento.

São lidos depois os resultados dos campeonatos de jogos do II Congresso Nacional da M. P.

Eram os acordes do Hino Nacional!

De todos aquêlê peitos, galvanizados pelo entusiasmo se erguem as estrofes dos «Heróis do Mar...»

E por entre os calorosos aplausos daquela multidão emocionada, os rapazes desfilam numa última saudação, enlevados num grande sonho de beleza e patriotismo!

A todos os portugueses que tiveram a ventura de no Jockey presenciar o tam imponente espectáculo, cheio de luz e de vida, será bem difícil esquecer, momentos de tanta espiritualidade e grandeza.

A Mocidade mostrou mais uma vez, o seu inabalável propósito de trabalhar até ao sacrifício, pelas novas conquistas, a favor do «Ressurgimento Nacional»!

A. CRUZ.

## Mocidade Portuguesa

Mais e melhor — foram as palavras vibrantes que há um ano se gravaram na memória de rapazes e seus dirigentes para que nada no futuro as faça esquecer.

Rapazes e dirigentes as aprenderam e as aconchegaram bem no íntimo de seu fervor patriótico, podendo afirmar-se que já êste ano os progressos foram sensíveis, sobretudo na importância dada à educação moral e cívica dos filiados.

Como era natural, o primeiro impulso foi o de realçar a disciplina e a organização militar para criação de núcleos acentuadamente harmónicos.

A experiência mostrou logo que a rigidez do processo podia mutilar na criança as suas mais belas qualidades de expansão criadora e não tardaram os dirigentes a rever os seus programas, introduzindo-lhes mais flexibilidade e adaptando-os a um ambiente de melhor compreensão.

O Congresso há pouco encerrado foi a prova eloquente dessa feliz evolução e nêle se discutiram teses da mais clara inteligência tendentes a despertar em todos os componentes da Mocidade Portuguesa, dirigentes e dirigidos, o nobre sentido do justo equilíbrio entre os deveres disciplinares e a educação moral e cívica, a dedicação pela família ao lado do amor da Pátria, o inflexível respeito à Lei dentro das afectivas normas da solidariedade humana.

Não há hoje família portuguesa que não participe da galharda Instituição.

A todos compete estudarem os resultados dos novos planos para que, num legítimo direito de crítica, possam no momento oportuno apresentar seus alvires e defender suas sugestões, pois tudo leva a crer que em futuros Congressos haja lugar também para as teses dos Pais.

## Portugal na exposição de Nova York

### Palavras inaugurais de António Ferro

Julgamos que o nosso pavilhão, propositadamente ingénuo e lírico, não ficará deslocado nesta maravilhosa exposição, onde cada nação veio fazer o balanço das suas possibilidades, da sua força. Nós não fugimos à regra. Nós também viemos fazer a nossa demonstração de força. Simplesmente a nossa força — e com ela esperamos vencer tôdas as dificuldades da hora presente — é, acima de tudo, espiritual. Mas o espírito quasi nos basta para nos garantir a eternidade. Nascemos no século XII sob o signo da Cruz e da Espada. Diante do mar construímos, como um grande barco, «a pequena casa lusitana». Respirando o perfume dos nossos pinhais, carne das nossas caravelas, pode até afirmar-se que entrámos no mar a bordo da nossa terra. O Atlântico foi, apenas, para os portugueses, uma simples ponte entre o Portugal Continental e o Portugal de Além-Mar, entre a nossa realidade e o nosso sonho.

Somos ainda uma grande potência colonial e continuamos a sentir-nos

grandes infinitos, dentro de nós próprios. A nossa história é um dos nossos domínios, tão grande como o maior continente. A nossa língua, falada no Brasil, nessa grande nação americana, nosso orgulho, que saiu do nosso sonho, falada nas cinco partes do Mundo, é ainda uma projecção de nós próprios, um alargamento do nosso império moral. As nossas fortalezas de Marrocos, da Abissínia, da Índia, nunca foram tomadas, porque a nossa alma, afinal, nunca as abandonou».

Sempre com grande elevação e elegante recorte literário, António Ferro passou a descrever as várias secções do pavilhão, para chegar ao significado do presente, que, disse êle, cabe numa sala com estes subtítulos: «Doutrina» — «Algumas realizações».

«Esta sala, simples apontamento, ensina que os portugueses não naufragaram depois da sua epopeia marítima, que vivem hoje a sua nova renascença. Fatigados do seu esforço, nostálgicos da sua vêlha grandeza, os portugueses sentiam-se vencidos, quasi resignados à sua decadência. Mas a raça dos descobridores não se tinha felizmente esgotado. Um homem, filho de camponeses, simples como o Evangelho, soube despertar-nos. Esse homem, Salazar, actual Chefe do Governo português, encontrou-se diante dum país empobrecido, devastado por um século de lutas intestinas. Que fez êle? Compreendeu que os portugueses se sentiam desunidos, acima de tudo, por não terem qualquer missão universal a desempenhar digna da sua glória passada. E chamou-os então à descoberta da verdade, ao reino de Deus! Com a sua alma profundamente cristã, com o seu olhar puro, que elimina a fealdade da vida, Salazar teve a coragem de voltar a ensinar-nos, numa época de livre arbítrio, certos princípios fundamentais, sem os quais o Mundo e a sua harmonia não poderiam existir. A sua obra não é sequer original. Mas recorda a criação do homem. O essencial, para Salazar, na verdade, não é criar o homem moderno, o homem diabólico, mas recriar o homem de sempre, o homem de Deus. E', portanto, Salazar, arquitecto do nosso equilíbrio financeiro, económico e moral, quem está construindo, sob a égide do general Carmona, illustre Presidente da República Portuguesa, o nosso futuro. E é precisamente a visão dêsse futuro que serve de modesta apoteose ao nosso pavilhão. Através desta alegoria, erguida no nosso pequeno e doce jardim, podereis verificar que, para os portugueses de hoje, teimosamente espirituais, a cruz dominará todos os arranha-ceus do Mundo de Amanhã».

E concluindo:

«Permitam-me que dedique o Pavilhão de Portugal, hoje inaugurado, aos portugueses dos Estados Unidos e aos americanos de sangue luso. Nós construímos êste lar da alma portuguesa para que os americanos nos conheçam melhor, para que nos conheçam, mas também para que os nossos compatriotas de facto, de espírito ou de sangue, reunidos à volta do seu prestigioso ministro, dr. João de Bianchi, se orgulhem cada vez mais da nação que lhes

(Continua na 7.ª página)

# Situação Financeira do Município

Segundo o relatório, a que a imprensa fez então rasgados elogios, elaborado pelo Sr. Capitão Magalhães Couto em fins de Setembro de 1937, na qualidade de vice-presidente da Câmara em exercício, e por mim mesmo apresentado ao Conselho Municipal, foram calculadas em 20.000 contos as despesas extraordinárias a que o município teria de fazer frente para dotar o concelho dos melhoramentos considerados de necessidade actual.

Em resumo eram as seguintes:

Para urbanização . . . . .	6.164.287\$98
Para melhoramentos rurais . . .	7.184.997\$37
Para os serviços municipalizados	6.700.000\$00
Soma . . . . .	20.049.285\$35

Dos serviços municipalizados afirmava o relatório que não deviam pesar no orçamento do município, visto que, se não dessem aumento de receita, também não deviam trazer prejuízo. Entendo eu, porém, que, para o montagem desses serviços, terá a Câmara de dotá-los inicialmente com a verba de 3.000 contos que não será reembolsada, mas permitirá àquêles serviços proceder ao saneamento da cidade sem novo sacrifício da Câmara. Por outro lado nos anos de 1928 e actual fizeram-se, ou estão em vias de realização, parte dos melhoramentos referidos naquele relatório que reduzem as verbas a dispender para melhoramentos rurais e urbanização a . . . . . 12.000 cont.

Custando a municipalização . . . . . 3.000 »  
Teremos de encarar uma desp. global de 15.000 cont.

A municipalização dos diversos serviços terá de fazer-se recorrendo a um empréstimo, visto que a respectiva despesa há de ser paga num prazo relativamente curto — um ou dois anos — e os recursos da Câmara não lhe permitem saldá-la com as receitas ordinárias.

Quanto aos restantes melhoramentos, há dois caminhos a seguir: ou seriá-los pela ordem da sua necessidade e realizá-los lentamente, ano a ano, com as disponibilidades dos cofres municipais, ou efectuá-los rapidamente, num período curto, recorrendo a empréstimos. Qual dos processos oferece mais vantagens?

Se se adoptar o primeiro, é fácil de ver que, dispondo a Câmara de cerca de 800 contos anuais, como demonstrei nos artigos anteriores, as obras não estarão realizadas em menos de 11 a 12 anos, na hipótese mais favorável de serem comparticipadas pelo Estado com 40 % do seu custo ou seja 6.000 contos.  $(15.000 - 6.000) \div 800 = 9.000 \div 800 = 11$  aprox.)

Mas como dissemos acima que para os serviços municipalizados teremos de recorrer ao empréstimo, os restantes melhoramentos, nas condições indicadas, poderiam realizar-se em  $(12.000 - 4.800) \div 800 = 7.200 \div 800 = 9$  anos, na melhor das hipóteses. E' sabido que a melhor das hipóteses não se dá, e por isso poderemos afirmar, sem receio de errar, que mesmo havendo absoluta continuidade de acção e a maior firmeza e constância na execução do plano de melhoramentos previamente traçado, este não se poderá concluir em menos de 12 anos.

Optando-se pela alternativa de contrair um ou mais empréstimos, é evidente que tudo se podia concluir num prazo muito mais curto que poderia não ir além de três ou quatro anos, em circunstâncias especialmente favoráveis. Estas dão-se actualmente em virtude das comemorações centenárias que vão ter celebração condigna na nossa ci-

dade no próximo ano. Parece pois que é de preferir esta modalidade de actuação.

Poderia a Câmara contrair um empréstimo que a habilitasse a realizar todo o plano de melhoramentos a que nos vimos referindo, num prazo relativamente curto?

Que os poderá realizar mostra-o o quadro seguinte onde vão indicadas as importâncias dos empréstimos, das amortizações anuais e dos prazos de amortização, calculadas as anuidades (juros e amortização) pelas tabelas universalmente aprovadas.

MONTANTE DOS EMPRÉSTIMOS	IMPORTANCIA DAS ANUIDADES A 5%		
	Em 15 anos	20 anos	30 anos
3.500 contos . . .	337.197\$00	280.850\$50	227.829\$00
4.000 » . . .	385.368\$00	320.972\$00	260.376\$00
6.000 » . . .	578.052\$00	481.458\$00	390.564\$00
8.000 » . . .	770.736\$00	641.944\$00	520.752\$00

Por aqui se vê que a situação da Câmara lhe permite fazer face a empréstimos na totalidade de 8.000 contos pois os encargos que esses trariam não iriam além de 771 contos, para o prazo de 15 anos e de 521 para o prazo de 30. O empréstimo de 3.500 contos, que foi já aprovado pelo Conselho Municipal, importa num encargo de 337 contos, 281 contos e 228 contos, conforme o prazo de amortização for de 15, 20 ou 30 anos.

Estabelece, porém, o artigo 572 do Código Administrativo que «os encargos da dívida de um corpo administrativo não poderão exceder a quinta parte da receita ordinária arrecadada no ano económico anterior àquele em que se efectue o empréstimo, salvo tratando-se de empréstimos para serviços municipalizados, os quais poderão ser autorizados sempre que os encargos deles resultantes tenham compensação suficiente no rendimento dos mesmos serviços».

Em vista desta disposição, não tendo a Câmara arrecadado no ano findo receitas ordinárias superiores a 2.500 contos, conclue-se que os encargos da sua dívida — excluída a parte dos serviços municipalizados — não poderão exceder 500 contos. Como os encargos actuais são de 90 contos, estes só poderão ser aumentados em 410 contos. Confrontando este número com o mapa acima, verifica-se que, com este encargo, se pode contrair um empréstimo de 6.000 contos a trinta anos, ao juro de 5 %, ou de 4.000 ou 3.500 pelos prazos de 15, 20 ou 30 anos. Um empréstimo de 5.000 contos, a 20 anos, traria um encargo de 401.215\$.

Sem aumentar a receita ordinária do município, está êle em condições de fazer um empréstimo de 5.000 contos para os seus melhoramentos, e para os serviços municipalizados poderia contrair empréstimo de igual importância, se estes dessem resultados compensadores.

Para se contrair o empréstimo de 7.200 contos precisos para a realização dos melhoramentos do plano do sr. capitão Magalhães Couto bastaria que as receitas ordinárias da Câmara subissem de 2.500 contos, onde ficaram no ano findo para 3.300 contos. Não é isso porém, que julgo mais conveniente no momento actual.

JOSÉ FRANCISCO DOS SANTOS.

## Homenagem a um herói da Guerra de Espanha

Realizou-se em Viana do Castelo, no Hotel Central, um banquete de homenagem ao «viriato» António de Sousa Araújo, herói da guerra de Espanha.

Cêrca das 21 horas, o homenageado, que vestia o uniforme de comandante de pelotão da Legião Estrangeira de Espanha, deu entrada no salão de jantar do referido hotel, acompanhado do sr. Governador Civil, sendo alvo de uma prolongada e entusiástica salva de palmas.

Presidiu o sr. Governador Civil do Distrito, que tinha à sua direita o homenageado e os srs. major Carlos de Novais Barros, comandante de Artilharia 15, e dr. Jorge de Novais Cruz, presidente da Comissão Distrital da União Nacional; e à sua esquerda os srs. dr. João da Rocha Páris, Presidente da Câmara Municipal, Manuel Couto Viana, delegado do I. N. T. P., e capitão Alberto de Sousa Machado, comandante da Polícia de Segurança Pública de Viana e sub-delegado regional da «Mocidade Portuguesa». Noutros lugares tomaram parte cêrca de 60 pessoas, oficiais do Exército e da Legião, dirigentes da União Nacional e da «Mocidade Portuguesa», alto funcionalismo civil, pessoas de relêvo na vida social e política da cidade, etc.

Aos brindes usaram da palavra os srs. António Cândido da Costa, como presidente da comissão organizadora do banquete e camarada de António Araújo, de quem fez o elogio, descrevendo os altos serviços prestados por aquêle herói à Pátria, quer na política do Estado Novo quer no país vizinho, donde regressou cheio de glória; tenente Ornelas Monteiro, José Dias Cerqueira e João Pinto de Campos Varajão, que forçaram o valor do homenageado como militar e jornalista, como político e patriota. Falou ainda o sr. Governador Civil, que fez um comovente elogio de António de Sousa Araújo, afirmando que a sua vontade era tirar do seu peito a medalha da Torre e Espada e colocá-la ao peito de António de Sousa Araújo.

Por fim, o homenageado agradeceu, visivelmente comovido, a homenagem que acabavam de lhe prestar, pedindo que ela se destinasse antes aos seus camaradas «viriatos» que baquearam durante a terrível guerra espanhola.

Todos os oradores foram muito aplaudidos. O banquete, que decorreu no meio de grande entusiasmo e camaradagem nacionalista, terminou com vibrantes «vivas» ao homenageado, a Portugal, à Espanha, a Carmona, a Salazar e a Franco.

A Sousa Araújo, nosso antigo amigo e camarada da Acção Escolar Vanguarda, as nossas saudações.

\* \* \*

A sinceridade pressupõe lealdade. E a melhor prova real que se pode tirar à sinceridade consiste em verificar se o indivíduo é coerente consigo próprio e com os ideais que diz ou julga defender.

(Do Diário de Coimbra)

## Sinceridade

pelo dr. Mário Gonçalves Viana

As ideias podem evoluir e evoluem sempre. Ninguém pode exigir que um homem aos cinquenta anos pense como pensava aos vinte, em plena mocidade e ainda sem a experiência da vida. Mas evolução não quer dizer mudança brusca.

Há sempre que desconfiar daquele que pensava ontem de uma forma e pensa hoje de outra maneira diametralmente oposta. Semelhantes mutações repentinas são de tal sorte anti-naturais, que devem causar alguma desconfiança.

Passar de um polo ao outro, passar de um extremo ao outro — num salto brusco e mortal — é privilégio dos não sinceros, que usam das convicções como usariam dum trampolim, para levarem a vida com o maior proveito possível e com a mínima conserva. Os que mudam de opinião como quem muda de camisa — e às vezes ainda mais do que isso! — são, geralmente os mais intransigentes, os mais violentos, os mais agressivos.

\* \* \*

E' preciso armar ao efeito? Eles

assim o procuram fazer, esforçando-se por ocultar, espectacularidades ruídasas, a lembrança do que foram e... que ainda podem vir a ser! A História está cheia de exemplos flagrantíssimos desta categoria. Quem não se lembra dos monárquicos que após a implantação da república, passam a ser, automaticamente, republicanos históricos, tirando a primazia a alguns republicanos de sempre, aos sinceros, àqueles que por serem sinceros depressa se desenganaram e caíram no ostracismo?

\* \* \*

São os falsos apóstolos que comprometem os grandes ideais.

## Câmara Municipal de Guimarães

(Continuação da 2.ª página)

o maior número de Casas do Povo, nas freguesias rurais, desde que a importância destas o justifique.

— O sr. governador civil de Braga, apoia o pedido acima. A Câmara diz que empregará os seus esforços para a criação de Casas do Povo neste concelho.

— O mesmo, informa que o sr. dr. Gastão Ribeiro Pereira, foi substituído na Presidência da Comissão Distrital de Auxílio aos Pobres de Inverno, pelo sr. dr. José Elias Gonçalves, visto o primeiro senhor se ter retirado do Governo Civil do Distrito.

**Deliberou:** — depositar a importância de 100\$00 na Estação do Caminho de Ferro para fornecimento de passagens em 3.ª classe aos pobres indigentes necessitados de tratamento nas termas de Vizela;

— Mandar organizar o processo e orçamento do empedramento da estrada das Taipas a Santa Marta.

— Nomear para constituir o júri avindor da freguesia de Santa Maria de Airão deste concelho, nos termos dos decretos n.ºs 28.039 e 28.040 os srs. Manuel Marques Vieira, Joaquim de Araújo Coelho todos proprietários e residentes na freguesia de Santa Maria de Airão;

— Conceder, os subsídios de 100\$, 800\$00, 1.000\$00 e 100\$00, respectivamente, à Sociedade Columbófila de Guimarães para aquisição de um prémio destinado ao Concurso de Faro, à Junta da freguesia de Vila Nova de Sande, para as obras de reparação e conservação do cemitério da referida freguesia, à Cantina Escolar «28 de Maio» das Taipas, e à direcção da Sociedade Protectora dos Animais, com sede nesta cidade;

— Adquirir a Francisco Martins Rodrigues da Costa e esposa uma casa e quintal sitos na rua de Santa Margarida, para a urbanização dos terrenos à volta do Castelo e Paços dos Duques de Bragança.

— Entregar ao empreiteiro Manuel de Abreu a obra de calcetaria e muro de suporte do caminho da Breia;

— Mandar proceder à construção do aqueduto longitudinal e conclusão da empreitada da estrada de Ronfe à Ponte de Serves, em virtude do falecimento do primeiro arrematante, deduzindo-se à importância da arrematação a despesa da conclusão da empreitada, e adquirir uma balança para aferições externas.

## Portugal na exposição de Nova York

(Continuação da 4.ª página)

deu o ser ou lhes deu a alma! Há, sem dúvida, nações mais ricas, mais fortes, comercial, industrial ou militarmente, mas não há nenhuma, certamente, que possua mais nobres pergaminhos, que mais tenha contribuído para o engrandecimento da Terra! Se nesta Terra, em que tudo parece frágil, se pode ter, diante de algum povo, a sensação de eternidade, é diante sem dúvida, do povo português. Com oito séculos de história viva, que festejaremos em 1940, possuidores dum império colonial que descobrimos, conquistamos e colonizamos, a nossa soberania, uma das mais velhas pedras da Europa, é tam indiscutível como a dos Estados Unidos! Só há uma forma, americanos e portugueses, de Portugal acabar: Acabar o Mundo!»

## Legião Portuguesa

### AVISO

#### Exercício Geral

São por este meio, avisado todos os legionários do 1.º escalão, a comparecer no próximo dia 25 (domingo), pelas 5 horas da manhã, neste Quartel a fim de tomarem parte no exercício.

Não há dispensas para este dia.

Os legionários devem fazer-se acompanhar de uma colher.

Quartel em Guimarães, 19 de Junho de 1939.

O Comandante do Batalhão,

*Ernesto Moreira dos Santos.*

Tenente

\*

Exercício a realizar:

— Entre a Penha e a Lapinha realiza o Batalhão n.º 13 da L. P., reforçado com o Têrço Independente de Fafe, uma marcha de aproximação.

Efectivos: Estado maior do Batalhão — comandante do Batalhão, 1 tenente; ajudante, 1 comante de lança; porta bandeiras, 2; médico, 1; provisor, 1. Serviço motorizado: 1 comandante de lança.

Tropas — Oficiais — Comandante de têrço, 3; comandante de lança, 9; representa o inimigo, um comandante de lança.

Chefes de secção — Encorporados nos têrços, 18; escoltas às bandeiras; 6; enfermeiros, 1; vagomestres, 3; representa o inimigo, 2; serviço de transmissões, 1; mestre de corneteiros, 1.

Chefes de quina, 54; legionários, 338; corneteiros, 18.

Muare de munições, 2. Total em pessoal; Oficiais, 20; chefes de secção,

## Associação Comercial e Industrial de Guimarães

### Convocação

Ao abrigo do artigo 24 dos Estatutos, são convidados os sócios desta Associação a reunir em Assembleia Geral extraordinária, na sua sede, à rua da República, no dia 27 do corrente, pelas, 22 horas, a fim de tomarem conhecimento dos trabalhos realizados pela Comissão nomeada em Assembleia Geral de 24 do mês passado e deliberarem sobre a transformação desta Associação Comercial e Industrial em Grémio do Comércio.

Não comparecendo número legal de sócios, a Assembleia Geral terá lugar no dia imediato, à mesma hora. Guimarães, 21 de Junho de 1939.

O Presidente da Assembleia Geral,

*José Pinto Teixeira de Abreu.*

32; chefes de quina, 54; legionários, 338; corneteiros, 18.

Total em solípedes: Muare, 2.

O municiamento é feito com 6.000 cartuchos e 120 granadas de mão.

A comparência dos legionários é feita no quartel da Legião Portuguesa às 5 horas da manhã, hora a que é distribuído café e pão.

O rancho da manhã é distribuído na Penha no final do exercício, e é conficionado pela secção de quartéis que marcha para o local na vespera.

Assistem oficialmente aos exercícios as autoridades superiores da Legião Portuguesa Distritais.

No regresso do exercício é feito um desfile através da cidade, passando em continência ao Ex.º Sr. Comandante Distrital num local a designar.

## JOÃO FERREIRA DAS NEVES

Rua de Santo António — Telefone 181

### GUIMARÃIS

#### HORÁRIOS DAS CARREIRAS DE CAMINHETAS

##### HORÁRIOS DAS CARREIRAS DO PEVIDÉM

Guimarães	Pevidém	Pevidém	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
7,35 A	7,50	8,00 A	8,15
8,05 F	8,20	8,30 F	8,45
8,20 B	8,35	9,00 B	9,15
12,00 C	12,15	12,30 C	12,45
16,30 B	16,45	17,15 B	17,30
19,15 D	19,30	19,30 D	19,45
20,35 E	20,50	20,55 E	21,10

A — Efectuam-se diariamente excepto aos Domingos.  
B — Efectuam-se aos Sábados.  
C — Efectuam-se diariamente.  
D — Efectuam-se de 1 de Dezembro a 30 de Junho.  
E — Efectuam-se de 1 de Julho a 30 de Novembro.  
F — Efectuam-se só aos Domingos.

##### HORÁRIO DA CARREIRA DA PÓVOA DE VARZIM

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	17,15	19,50

Efectua-se todo o ano

##### De 1 de Julho a 30 de Novembro

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	18,35	21,20

##### De 15 de Junho a 15 de Novembro

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
11,45	14,25	8,00	10,40

##### HORÁRIOS DAS CARREIRAS DO PORTO

Guimarães	Porto	Porto	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
8,05	10,00	8,00	10,00
12,35 C	14,30	12,30 C	14,25
18,20	20,15	17,00 A	19,05
		18,30 B	20,25

A — Só se efectua de 1 de Dezembro a 30 de Junho  
B — Só se efectua de 1 de Julho a 30 de Novembro.  
C — Não se efectua aos Domingos.

## Crónica desportiva

Boavista, 5 — Vitória, 1

No encontro realizado domingo, dia 11, no Campo das Vinhas, freguesia de Moreira de Cónegos, entre as turnas de honra do Vitória e do Boavista, os locais sofreram uma derrota cujo resultado não se harmoniza com o desenrolar da partida.

A primeira parte terminou com os grupos empatados, 1-1, tendo sido a bola do Vitória admiravelmente marcada por Laureta.

Foi no último quarto de hora da segunda parte que o Boavista avolumou o número de pontos em consequência da saída de Lino e da deslocação de João Bom. O primeiro abandonou o campo por motivo de contusão sofrida e o segundo passou a dianteiro.

Estava, pode-se dizer, o Vitória sem defesa, pois os seus substitutos eram impotentes para pular as energias investidas dos avançados do Boavista.

E assim, um resultado que podia ficar em 2-1, o máximo 3-1, subiu até 5-1.

A actuação do Vitória não deslustrou a sua categoria de campeão.

Após o decurso dos primeiros minutos, cheio de hesitações, o Vitória agiu com segurança e architectou com finalidade inúmeros lances de bom futebol.

O Boavista excedeu-se em violências e, principalmente, em atitude de má-criação, que tornaram a arbitragem extremamente difícil.

O Vitória apresentou a seguinte constituição: Ricoca, João Bom, Lino, Vitorino, Zeferino, Zé Maria, Bravo, Coimbra, Clemente, Pantaleão e Laureta. A linha do Boavista estava formada por todos os seus titulares.

Antes deste encontro o Moreirense F. Club derrotou as Reservas do Boavista por 5-1.

O Moreirense revelou nítida superioridade. Apraz-nos registar que o Moreirense além de possuir alguns elementos apreciáveis, tem conjunto e ligação.

A arbitragem deste encontro foi razoável.

O rectângulo encontrava-se guardado por larga assistência.

A acompanhar o Vitória deslocaram-se a Moreira de Cónegos, em combóio especial, numerosos desportistas vimaranenses.

H. A.

## ATITUDES CLARAS

Mais uma vez o Dr. Salazar falou porque tinha alguma coisa a dizer, a bem da Nação e para esclarecimento dos outros Povos quanto à política externa do Governo português. São hoje conhecidas em todo o Mundo as palavras claras, precisas, desassombradas do homem que, desde o estalar da guerra espanhola, lhe mediou todo o significado e se impôs uma linha de conduta que foi a vitoriosa. Cachoam nas refregas internacionais paixões e despiques, em que se revela frequentemente uma incompreensão da realidade que não raro atinge o inverosímil. Oliveira Salazar, em sua serenidade invencível, falou quando era preciso e disse apenas o que era necessário dizer. Como seria admirável e utilíssimo para o bem público que esta fôsse a norma única e severa de quantos mais conservam em suas mãos as responsabilidades da direcção do País...

# Corporativismo ANTI-MARXISMO

(Continuação da 3.ª página)

cia lógica do exposto anteriormente, os «juízos profissionais» para tratar das causas relacionadas com as respectivas profissões. Não quer isto dizer que se evitariam, assim, todos os abusos da autoridade, mas ficaríamos com os meios suficientes para os impedir na sua maioria.

Sinteticamente, podemos, agora, dizer com o P. Arendt S. J. que «o regime corporativo é essencialmente o sistema que estabelece uma autoridade profissional, encarregada de promover o bem comum e os interesses gerais da profissão e, conseqüentemente, possui o direito de promulgar regulamentos obrigatórios para todos os que contribuam para o exercício da profissão e de os representar perante as autoridades públicas».

B) O CORPORATIVISMO CRISTÃO.— Passemos já ao conjunto das corporações, que foram o corporativismo propriamente dito ou a organização profissional da sociedade. Os quatro princípios fundamentais e próprios, do corporativismo moldado pela encíclica *Quadragesimo Anno* e confirmado pela *Divini Redemptoris*, são tais que não deixam lugar a dúvida na concepção corporativa católica:

a) *Princípio de subsidiariedade*, pelo qual deve deixar-se ao indivíduo o que ele pode fazer por si; às associações menores, o que esteja ao seu alcance por meios lícitos; às corporações, o que aquelas não possam; e, finalmente, se reserve ao Estado o que nem os indivíduos nem as restantes organizações possam realizar. Em resumo, não encarregar a uma sociedade superior o que a inferior pode fazer. E' o que expressamente declara a encíclica *Quadragesimo Anno*:

«... permanece contudo, imutável aquêlê solene princípio da filosofia social: assim como é injusto subtrair aos indivíduos o que eles podem efectuar com a própria iniciativa e indústria, para o confiar à colectividade, do mesmo modo passar para uma sociedade mais e mais elevada o que sociedades menores e inferiores podiam conseguir, é uma injustiça, um grave dano e perturbação da boa ordem social. O fim natural da sociedade e da sua acção é coadjuvar os seus membros, não destruí-los nem absorvê-los.

Deixe, pois, a autoridade pública ao cuidado de associações inferiores aquêlê negócios de menor importância, que a absorveriam demasiado; poderá então desempenhar mais livre, enérgica e eficazmente o que só a ela compete, porque só ela o pode fazer: dirigir, vigiar, urgir e reprimir, conforme os casos e a necessidade requeiram. Persuadam-se todos os que governam de que quanto mais perfeita ordem jerárquica reinar entre as várias agremiações, segundo este princípio da função «supletiva» dos poderes públicos, tanto maior influência e autoridade terão estes, tanto mais feliz e lisonjeiro será o estado da nação»<sup>(1)</sup>.

O n.º 32 da *Divini Redemptoris* confirma: «Demonstramos como deve restaurar-se a verdadeira prosperidade segundo os princípios dum *são corpora-*

*tivismo, respeitador da devida jerarquia social, etc.* (o sublinhado é nosso)<sup>(1)</sup>.

b) *Princípio da estrutura orgânica da sociedade*, isto é, a sociedade civil não se compõe só de indivíduos isolados, mas de indivíduos que formam associações ou órgãos, a saber, os municípios e as províncias (que têm em conta o lugar em que vivem), as «ordens» ou «corporações» (que têm em conta a profissão que exercem). O Estado, portanto, não se associa imediatamente aos indivíduos nem lhes regula a coexistência.

E' uma sociedade de sociedades. Assim como as células se unem em tecidos e órgãos, que, por sua vez unidos, formam o corpo, assim também os indivíduos se associam primeiramente em grupos *naturais* e espontâneos, que unidos formam a sociedade civil. Já dissemos como estas associações se podem chamar *naturais*.

Assim o n.º 90 da *Quadragesimo Anno* explica:

«Mas a cura só será perfeita, quando a estas classes opostas, se substituírem organismos bem constituídos, ordens ou profissões, que agrupem os indivíduos, não segundo a sua categoria no mercado do trabalho, mas segundo as funções sociais que desempenham. Assim como as relações de vizinhança dão origem aos municípios, assim os que exercem a mesma profissão ou arte são pela própria natureza impelidos a formar associações ou corporações; tantos que muitos julgam estes organismos autónomos, senão essenciais, ao menos connaturais à sociedade civil»<sup>(2)</sup>.

c) *Princípio de autonomia e cooperação* das corporações, dentro da sociedade civil, de modo que isto signifique: *liberdade* para a sua criação e desenvolvimento, vida e direitos próprios, eliminando-se, por conseguinte, o totalitarismo, centralismo ou monopólio estatista; *vigilância e ajuda* do Estado na criação, normas e actividades da corporação, de maneira que esta se subordine ao bem comum geral da sociedade.

Dizem assim os n.ºs 91 e 92 da *Quadragesimo Anno*:

«E como a ordem, segundo egrégia mente explica S. Tomaz, é a unidade resultante da disposição conveniente de muitas coisas, o corpo social não será verdadeiramente ordenado, se não há um vínculo comum, que una sólida mente num todos os membros que o constituem. Ora este princípio de unidade encontra-se, — para cada arte, na produção dos bens ou prestação dos serviços a que visa a actividade combinada de patrões e operários ocupados no mesmo officio, — para o conjunto das profissões, no bem comum, a que tôdas e cada uma devem tender com esforços combinados. Esta união será tanto mais forte e eficaz, quanto mais fielmente se aplicarem os indivíduos e as próprias profissões a exercitar a sua especialidade e a assinalar-se nela.

(Continua.)

## Facciosismo e auto-crítica

*Le Matin* publicou não há muito um artigo de Stéphane Lauzanne preconizando a paz, mas «uma paz sem ideologias e — sem soviets». Acrescentava o articulista que a essência do bolchevismo é semear a ruína nos outros países; que a sua função natural é minar, subverter e destruir. Refere-se ainda ao pouco valor do Exército vermelho e à sua falta absoluta de disciplina.

E', sobretudo, neste ponto que a imprensa francesa está de acôrdo e por isso, mesmo os jornais mais esquerdistas, torcem um pouco o nariz, a propósito da aliança franco-soviética. Não só, reconhecem o exército vermelho não é aquilo que se dizia, em fôrça e potencial — e a guerra de Espanha foi uma prova dos nove infofismável — mas, o que é talvez mais grave, a indisciplina correu, por completo, todos os núcleos militares.

A própria imprensa soviética confessa, aliás, o facto, reproduzindo notícias como esta que a *Krasnaia Zvezda*, jornal oficial do exército, publicou no seu número de 15 de Abril d'este ano:

«O sargento-mór Olkhonikov deu ordem de reunião aos soldados. Estes dirigiram-se o mais vagarosamente possível para os seus lugares. O sargento-mór ordenou «Sentido!», mas os soldados continuaram a conversar. Todo este desrespeito do regulamento não provocou celeuma, pois já se está habituado a êle. E' muito raro um oficial censurar um soldado, por êste infringir os regulamentos. Tudo isto se repercute naturalmente, na disciplina. Acontece até, por vezes, que os soldados, não só não executam as ordens que receberam, como as discutem com os superiores, sem que, por isso, sejam castigados...».

Se qualquer outro jornal publicasse isto, era imediatamente apodado de faccioso, pelos admiradores de Estaline. Como se trata, porém, do órgão oficial do exército, o caso é outro e recebe o nome pomposo de... auto-crítica!

## Outro desiludido!

O sr. Léon Péron, diplomado por várias universidades europeias, extremamente culto e dotado dum espirito objectivo, era até há pouco um adepto entusiástico das organizações vermelhas, tendo dirigido um jornal comunista. No desejo de conhecer melhor o ídolo que adorava, resolveu ir à U. R. S. S. O pior é que deu logo pelos pés de barro, conforme confessa ao afirmar que na Rússia «abeleza, a bondade, a liberdade e a ordem foram traídas, corrompidas, aniquiladas». E acrescenta:

«Estou firmemente convicto de que o comunismo bolchevista é a negação da moral, da liberdade e do individualismo e que necessita, para existir, duma tirania e duma ignorância seculares. A deificação intensiva e monstruosa de Lenine e de Estaline está bem longe de me fazer admirar um renascimento da dignidade humana. Verifiquei, pelo contrário, que se mantém, mas agravando-o, um regime secular de escravatura e opressão. Que vem a ser o comunismo? Um capitalista do Estado para os chefes e uma escravidão do Estado para o povo. A Internacional comunista é a cárie

do mundo; o seu objecto é pôr a terra a ferro e fogo e destruir a ordem social tradicional. Se os comunistas pretendem querer o bem do povo, não fazem mais, na realidade, do que trair a verdade e mascarar odiosamente os factos».

Mais um, como tantos outros, que, de partidário fervoroso de Estaline, se transforma em adversário irreductível de Moscovo. O exemplo, tam freqüente, leva a crer que seria aconselhável a organização de excursões de comunistas sinceros à U. R. S. S.. Voltariam de lá como este sr. Léon Péron a prègar «o character anti-social e anti-operário do comunismo que esmaga tudo o que é sagrado para o homem: o direito à liberdade e às crenças espirituais».

## A acção nefasta do Komintern no mundo

Vejamos alguns dos últimos «trabalhos» efectuados pelo Komintern: Em França. Nos arredores de St. Etienne, registou-se um atentado na linha férrea. A policia descobriu que os seus autores eram fugitivos espanhóis vermelhos.

Numa reunião dos Conselheiros de Genebra, o marxista Nicole, de regresso de Moscovo, propôs que a S. D. N. fôsse levada a estabelecer uma aliança com a União Soviética. Nicole dirigiu, além disso, um apêlo insistente a todos os membros presentes para que cesse a resistência ao comunismo.

Prystor, antigo chefe do governo polaco, num discurso recente, apontou a importante agitação comunista que se manifesta nos distritos ocidentais da Polónia.

Em Praga, foram presos cinco comunistas, portadores de material de propaganda subversiva, considerada ilegal após a dissolução do Partido comunista.

Do processo intentado contra os comunistas de Abo, conclue-se que o Komintern organizou mais um importante serviço de espionagem. A Central é em Moscovo mas em Helsingfors foram presos dezóito agentes, que haviam «estudado» durante dois anos nas escolas de Lenine em Moscovo.

## O comunismo e a desordem mundial

Ao cabo de vinte anos de existência, o bolchevismo provou exuberantemente que trabalha apenas com esta finalidade: a desordem mundial. Aconteceu, porém, que o feitiço se voltou um pouco contra o feiticeiro e que a desordem se lhes estabeleceu também em casa. Até hoje, de facto, os comunistas nada conseguiram de «positivo». Basta lembrar a crise checoslovaca de 1938 e, mais ainda, a guerra de Espanha.

A acção do Komintern foi, no entanto, extremamente sangrenta. Por outro lado, a actividade sindical originou graves prejuízos no trabalho e na economia. A verdadeira fôrça dos minúsculos partidos comunistas de vários países reside na circunstância de êles saberem agrupar, maravilhosamente, todos os descontentes — venham êles donde vierem! — e organizar a multidão com um objectivo comum. E isto que êles fazem em pequena escala, no interior dum país, realizam-no depois em grande, explorando as desinteligências entre as nações para consolidar a sua posição.

(1) Seguimos a tradução francesa.

(2) *Ibid.*, págs. 135.

(1) *Loc. cit.*

# As contas do Estado

FORAM agora publicadas as contas de gerência de 1938 e como nas gerências anteriores do Dr. Oliveira Salazar, isto é, desde há dez anos, verifica-se um saldo de 248.800 contos.

Estes resultados são consequência dum prudente cálculo das receitas e despesas mas, sobretudo, correspondem a um regime severo de abertura de créditos para novas despesas durante os anos económicos, créditos que não são concedidos senão quando há no orçamento verbas disponíveis para transferência ou quando se criam receitas novas para compensar os novos encargos.

Os saldos de gerência verificados desde 1928-29 totalizam mais de 1.800.000 contos assim distribuídos:

1928-29, 275.000; 1929-30, 40.000; 1930-31, 152.000; 1931-32, 150.000; 1932-33, 83.000; 1933-34, 130.000; 1934-35, 211.000; 1936, 227.000; 1937, 212.000; 1938, 242.000 contos.

E' de notar que só no primeiro destes anos económicos as contribuições foram aumentadas e nos outros anos alguns impostos foram suprimidos como, por exemplo, o imposto de salvação pública.

Quanto à distribuição dos rendimentos públicos ninguém pode duvidar de que os serviços de fomento, como os de instrução e assistência pública, estão hoje incomparavelmente mais bem dotados do que nas gerências anteriores a Salazar.

Dos saldos das gerências findas, de 1928-29 a 1938, gastaram-se já 673.000 contos dos quais

350.000 em armamento militar, aéreo e naval; em obras diversas, compreendendo casas económicas, construção dos Hospitais escolares de Lisboa e Pôrto, caminhos de ferro, estradas da Madeira, etc., 111.000 contos; representações em Exposições internacionais, subsídios a Casas do Povo e à Campanha de auxílio aos Pobres no Inverno, etc., o resto. Ficaram ainda em cofre 1.175.000 contos com que se terá de fazer face aos encargos de rearmamento do Exército, ainda não concluído, à reorganização da Marinha de Guerra e a outros encargos de despesa não reprodutiva, pois é princípio assente pelo Governo não recorrer a empréstimos ou a contribuições especiais para as despesas militares.

O que mais surpreende os observadores estrangeiros é que esta obra admirável de administração tenha podido realizar-se num período em que mais se acentuam as dificuldades internacionais que forçam os países mais prósperos ao abandono do padrão-ouro e ainda que este brilhante resultado, obtido quasi subitamente num País tradicionalmente considerado de finanças avariadas, o pudesse ser sem o auxílio de estranhos. Com efeito, Portugal nada pediu ao estrangeiro que, aliás, nos últimos anos, o tem oferecido.

Por isso, uma boa parte do prestígio conquistado por Portugal no conceito internacional provém da sua superior e exemplar administração.

J. C.

## == CARTAS ==

Maria querida:

Sabes? tenho por vezes remorsos!! Penso em escrever a outras amigas que esperam também ansiosas as minhas notícias, sobretudo a pobre Clarita que, quasi impedida de movimentar-se devido à sua doença tanto merece que a não esqueçamos! mas revejo a tua fisionomia, penso nas tuas lutas morais, e o meu coração cuja sensibilidade está cada vez mais exacerbada, parece transmitir a toda a minha pessoa, um tal fluido de ternura, que imediatamente me corre a pena sobre o papel; e mau grado meu por vezes leio Maria querida!! «pronto tinha de ser»!

Cá estou de volta, e aproveito hoje, Domingo, para te dizer alguma cousa de mim, e de outros, e também para responder aos teus desabafos.

Cheguei já há seis dias, mas, sabes que quando me ausento depois me esperam trabalhos e arrelias! no entanto, homem prevenido vale por dois!! e como são sensorias com que conto, preocupam-me menos. O pior, é que a tua pobre amiga parece ligar cada vez mais à palavra «saúde»! Não calculas a pena que trouxe de todos; e de tudo! dão-me muito mimo; tenho pessoas tam amigas, no coração das quais sinto a ternura, que se vinca dentro de mim grande dor de as deixar!

Como vês Maria, andamos bem irmãs no padecer! e por isso os teus desabafos encontram eco na minha alma; também tu, vives acorrentada pela tua maneira de ser, a todos os pequenos nadas de que a vida é feita! e se procurássemos ambas um medicamento, já não digo para cura, mas pelo menos para alívio deste nosso sen-

tir tam antiquado? Reparo que os de hoje vencem melhor, porque se não deixam dominar pelo sentimentalismo! também Maria não vibra certamente com o mesmo entusiasmo, e com a mesma fôrça, perante as manifestações do belo, da natureza, da música, etc.!! Nós eramos pela harmonia, hoje alegrem-se a maioria com as dissonâncias!! apesar do que sofro digo-te, pensando bem, não trocava!! Nós (digo nós, porque és outra que tal como eu), arreigadas a uma saúde, sofremos perdidamente mas... garanto que no novo encontro daqueles por quem suspiramos, temos também sensações de vida, e de felicidade, que hoje a poucos será dado gozar. Viver, é sofrer e sofrer é ainda viver!

Calcula Maria, a tua Angelis já de si uma romântica, e aqui na varanda que tam bem conheces, com as árvores em frente que para ela são quasi entes queridos, e o gorgueio dos passaritos que lhe são um entêvo, vê que quadro para uma aproximação do sentir moderno!! tudo me obriga a fixar-me no meu molde, e já agora para que tentar uma mudança? um calmante para ambas seria útil; acredita Maria, no primeiro encontro trataremos deste assunto!! Olha, ontem vi no Cinema uma fita interessante (médico moderno), há um conselho maravilhoso! quando não conseguem diagnóstico rápido, uma receita de Bicarbonato de sódio... e esperar! como vês é mais fácil o processo para os males físicos; os morais demandam outra ciência, outros cuidados... outra energia.

Vê se consegues que os teus trabalhos absorvam todas as horas; só com o espírito constantemente dominado po-

derás entontecer o pensamento, e evitar que seja êle o teu algoz, forçando-te a abdicar de todo o teu objectivo, em seu favor!

Quantos intervalos nesta carta; fico-me, em contemplação do meu pequeno jardim e das minhas poucas árvores!! o vento fustiga-as, e apesar de muito sacudidas, nem uma fôlha sequer delas se deprende! E dentro de poucos meses com a vinda do Outono todas cairão por terra! Assim Maria querida, as ilusões que ainda conservamos em nós, breve terão de esvaír-se! estamos ambas nessa quadra em que recordar é morrer aos poucos! talvez por isso neste momento quantas saudades acabam de assaltar-me! saudades do passado, de amigos queridos, uns, já desaparecidos, outros, a cuja ausência me vejo forçada!! se eu até tenho saudades do presente!... esmagam-me já de antemão, pois revejo bem o futuro! como eu gostaria de simplificar a vida; o mesmo precisavas tu! olha que Irmãs Gêmeas, não teríamos maior semelhança!!!

Quasi todas as manhãs tomo a resolução de viver dia a dia, mas, esta cabeça é um turbilhão; por isso, peço sempre a todos que se vençam, e deixem as cousas do passado, ao passado, as do futuro, ao futuro!! assim, terão para viver o presente, e êsse basta.

Nos tempos de agora, quasi não há energia que chegue, os embates são tremendos, quer na política, no comércio, na vida privada, em tudo; ora, sendo assim, como procurar ainda violentar mais a vida, com as preocupações do futuro?! Vês Maria como sei legislar para o próximo?! E para mim como é diverso o critério! No entanto,

### Preço da assinatura

Anual . . . . .	24\$00
Semestre. . . . .	12\$00
Trimestre . . . . .	6\$00
Avulso . . . . .	\$50

verás como vou arrepiar caminho; estou disposta a pôr em prática o que escrevo para os outros! Olha, chego à conclusão que o muito pensar envelhece; a velhice é desagradável para os que nos rodeiam, e, por isso, apetece-me não ceder, e antepor uma barreira a essa antipática figura!! estou a ver-me... quem sabe? talvez rabujenta, com os óculos irrequietos como a dona, agaradita a uma bengala... mas a querer manter sempre a minha actividade, o que me dará de facto um ar ridículo... como vês... nem a poder de escudos manteria seguro o pincel dum artista! o modelo arrepiava-lhe os nervos, e o desgraçado teria a fama perdida. Ora, como não somos de físico muito desiguais, mira-te neste espelho... e foge a sete pés de tal malfadada colega.

Ontem, Maria querida, ali, que o Coração de Jesus não gosta de almas túbias e frouxas, prefere um grande pecador, capaz de arrependimento sincero, e de actos de generosidade!! Olha como nos penetra fundo esta espada! Vamos para cima, andamos imersos em densas trevas, temos de fugir ao desânimo, e encontrar o valor das almas fortes! Serei o teu esteio, tu, o meu amparo. Valeu? De que serve a vida hoje se não embelezamos com um pouco de ideal? Ela está tam destituída de interesse! tudo é vão e mesquinho! tentemos um Vão que nos aparte de todo êste nada, o procuremos em esferas mais altas uma razão de existir.

Em todas as épocas da minha vida sobretudo naquelas em que Nosso Senhor me dá dores profundas, venço pela Fé! Sim, tenho uma grande Fé! e como sei o que ela vale, envido esforços, para transmiti-la, a entes queridos que dela carecem.

Quando tudo nos falta, quando o vácuo entra na nossa vida, quando dela se aparta o que para nós era sonho, beleza, fôrça, alegria, que nos resta? Damos tudo isto aos outros, e tiramos dessa consolação, proveito para a elevação das nossas almas!

Já sabia que o caso do divórcio da L... está quasi concluído para bem! Como estou radiante por te ter aconselhado a que a ajudasses! Vê que grande obra! E quantos, Minha pobre Maria, se evitariam se almas caridosas fôssem ao seu encontro, com uma palavra amiga, com um dizer sensato, com um exemplo concludente.

Há alegrias que mitigam as nossas dores; esta é uma delas. Concorreremos para o não aniquilamento da Família, ajudarmos à sua estabilidade!

Que obra tam bela!! Até me parece que obteremos no Céu lugar especial! Queres crer que me troçam? e chamam-me «casamenteira»? mas, confesso, vendo bons rapazes, e boas raparigas gosto de ajudá-los! Para mim, a formação de lares verdadeiramente dignos, e Cristãos, é a base de uma sociedade perfeita! Por isso, deixo falar quem quer, e confesso, vou continuando!! Já uma pessoa amiga certamente por rabinice... me prometeu o inferno... por andar a juntar casais, mas, como sou de raça revolucionária... não desisto, nem perante a ameaça!! E por hoje basta, se chegaste à final desta, és uma valente,

Beija-te a tua

ANGELIS.